Capítulo 3

A contribuição de Heidegger segundo seus intérpretes

Considerando o que foi discutido anteriormente – no primeiro capítulo, recortes do desenrolar da relação do ser humano com a técnica, com seus produtos e com a natureza e, no segundo capítulo, a análise dos textos de Heidegger e a delimitação de tópicos a serem desenvolvidos, a saber, (1) a essência da técnica, (2) a distinção entre técnica antiga e técnica moderna, (3) o papel e a atitude do homem nesta relação, o pensamento meditativo e o pensamento calculativo e, (4) a ameaça essencial oferecida pela técnica – este terceiro capítulo tem o objetivo de indicar outras interpretações do problema que aproveitaram o pensamento de Heidegger. Buscaremos nestas interpretações uma melhor compreensão de seu trabalho no que concernir ao desenvolvimento da questão sobre a relação entre homem, técnica e natureza. Para isto observarei pensadores mais recentes que refletiram sobre a lida com o meio ambiente e sobre a amplitude das ações humanas, aumentada por aparatos técnicos fazendo referência ao pensamento de Heidegger. Tivemos a oportunidade de expor anteriormente fatos que ilustram esta lida técnico-científica e suas transformações e vimos, além disto, alguns pontos do trabalho de Heidegger que tratam diretamente dos elementos constitutivos desta relação.

Nesta variedade de interpretações encontramos algumas divergências, pois cada uma destaca determinados argumentos em detrimento de outros, selecionando aquilo que mais lhe chama a atenção ou que melhor pode ser aproveitado por sua reflexão em particular. Há, contudo, elementos que são recorrentemente mencionados, permitindo que concebamos um esboço geral sobre os tópicos mais presentes no campo desta discussão.

Para pensar sua contribuição com relação à construção de uma atitude condizente com o atual contexto, há que se investigar em que medida Heidegger apresenta alguma preocupação com a conduta humana e com a relação que o homem estabelece com a natureza, com as relações que estão ao seu alcance, especialmente quando se relaciona com ela através da tecnologia.

Um aspecto recorrente é o resgate de sua análise do paradigma ocidental moderno, tecnológico e industrial, o qual supervaloriza a racionalidade e o reducionismo científico, análise esta que tem lhe rendido, por vezes, o título de precursor do movimento ecológico. Em uma visão geral, podemos pensar neste paradigma como a ideia de que, através da ciência, o homem pode dominar a natureza, tanto no sentido de conhecê-la completamente quanto no de manipulá-la conforme seu interesse. Deste modo o homem recria suas condições de vida e suas necessidades utilizando as técnicas e produtos que desenvolve, isto é, ele produz objetos que estão presentes no ambiente em que se encontra, os quais reivindicam um tipo de pensamento e de comportamento. Ele, enquanto aquele que produziu tais objetos, segundo determinado projeto, passa a ser sua própria referência para abordar a natureza, deixando de percebê-la (e de perceber-se) em toda sua riqueza e irredutibilidade. A atitude do homem ocidental moderno em relação à natureza está cada vez mais voltada *para* e mediada *pela* ciência e tecnologia, que se estruturam sobre uma base metafísica não colocada realmente em questão. Esta base metafísica não é apenas uma das possibilidades desta ciência moderna, mas necessária para sua abordagem da realidade. Ela dá as condições para que a ciência torne os fenômenos mensuráveis, calculáveis, completamente conhecíveis e para que sejam controláveis, se dispendo, assim, como úteis para a técnica.

Como percebemos pela observação dos fenômenos apresentados no primeiro capítulo, mesmo os movimentos que se colocam contrários ao domínio tecnológico (em sua grande maioria), o fazem lançando mão de seus recursos, ainda que prefiram os menos agressivos ou sofisticados. E mesmo aqueles que pretendem abdicar por completo da técnica, em geral partem de uma abordagem da realidade dominada pela visão científica moderna e justificam através dela suas propostas e concepções. Aqueles que se mostram empenhados em propor alternativas para a lida com a técnica fundamentam sua argumentação em uma visão calculativa da realidade, analisada no capítulo anterior quando exploramos a noção de “pensamento calculativo”.

A seguir, observaremos alguns dos intérpretes do pensamento heideggeriano e recortes de suas abordagens, buscando mostrar tanto a abrangência e repercussão já existente sobre o tema, quanto a participação específica de Heidegger nas questões propostas pela presente dissertação.

Começaremos com Dolores LaChapelle (1926-2007), militante e ativista do movimento que ficou conhecido como “Ecologia Profunda” (*Deep Ecology*), um movimento ecológico caracterizado especialmente por questionar os paradigmas dominantes presentes nas propostas ecológicas mais tradicionais. LaChapelle encontra no pensamento de Heidegger esta crítica ao racionalismo, modo de pensar que caracteriza ou prevalece no modelo técnico ocidental de lida com a natureza. Ela interpreta seu pensamento mostrando que, através desta atitude técnica e científica, a humanidade pretenderia dar conta do mistério essencial da realidade.

Em seu trabalho – do qual fazem parte o livro *Earth Wisdom* (1978) e o artigo *Ritual is Essencial* (1984) –, LaChapelle insere o pensamento de Heidegger na discussão sobre práticas ecológicas sustentáveis, defendendo a importância dos rituais para a relação que o homem estabelece com o lugar o qual habita. Estas práticas (relacionadas ao místico, ao misterioso e oculto) seriam limitadas em função do domínio da racionalidade. Aproveita ainda a reflexão de Heidegger sobre a noção de habitar, enquanto cuidar e criar o espaço no qual as coisas vêm a ser o que são. Como mostramos, o modo de estar em um espaço conforme o paradigma moderno é caracterizado pelo explorar e extrair energia deste espaço. LaChapelle também mostra identificação com a proposta de uma abordagem da natureza orientada por um deixar ser, uma “não ação” que consistiria em refrear os atos contrários à natureza.

Sua identificação com o pensamento de Heidegger motivou a organização de uma conferência em 1981 no Colorado, o *Heidegger in the Mountain Symposium*, que contou com a participação de pensadores como Michael Zimmerman, George Session, Bill Deval e Steve Meyers, entre outros. O encontro tinha por objetivo promover a discussão e o compartilhamento de ideias sobre as contribuições de Heidegger para a reflexão sobre as relações que estabelecemos com os lugares. O simpósio rendeu como fruto um reencontro, em 1985, para a construção de uma visão geral do que havia sido visto no primeiro.

Destacados aqui três pontos indicados por LaChapelle como presentes no pensamento de Heidegger e que se referem à lida do homem com a natureza e com a tecnologia. O primeiro seria a percepção de que a técnica e a ciência pretendem dar conta de tudo, isto é, ser capazes de alcançar toda a realidade cuja essência se relaciona com o mistério, o secreto, o oculto. Estão associados a um

modo de conhecer pela fé, que costumamos entender como um saber que não pode ser alcançado pela razão. Deste modo, a supervalorização da razão impõe que deixemos de lado aquilo que ela não pode alcançar, perdendo, negligenciando ou ignorando o elemento misterioso da realidade.

O segundo ponto seria a importância das práticas e rituais, noções que relacionamos a uma atividade constante, algo que se repete, ligado a uma tradição, às cerimônias sagradas, às seitas e religiões. Trata-se de algo que é transmitido para um seleto grupo de iniciados naquela tradição. LaChapelle evoca o vínculo destas práticas e rituais com o lugar o qual se habita (tradição enquanto transmissão de hábitos, de costumes, de práticas), no qual nos encontramos frequente e repetidamente, o lugar do qual cuidamos e o qual criamos através de nossas práticas. Este lugar pode ser pensado não só como espaço físico, mas como situação ou contexto no qual algo acontece e pode ser localizado.

Como terceiro ponto, trata da proposta de Heidegger de uma abordagem que deixa ser, a “não ação”, que poderia ser concebida como uma espécie de passividade, não como oposição à atividade, mas que remete à contemplação e ao ócio (consideradas virtudes no contexto da antiguidade grega), entendidos como um compreender sem interferir no desenrolar da essência do que se mostra. Esta abordagem aparece como alternativa à abordagem impositiva e à manipulação que a ciência (com suas classificações, definições e regras) e a técnica (com seus instrumentos e mecanismos) impõem à realidade, à natureza e aos seres que a compõe.

Além de LaChapelle, Bill Devall (1938-2009) e George Sessions são estudiosos que também participaram do surgimento da Ecologia Profunda e publicaram diversos livros e artigos (como o *Deep Ecology: Living As if Nature Mattered* (1985) e *The Deep Ecology Movement* (1980)), nos quais indicam algumas contribuições de Heidegger para a formação desta corrente ecológica e para a construção da questão sobre as transformações promovidas com a técnica. Segundo eles, a Ecologia Profunda aproveita sua proposta para que se habite de forma mais autêntica a Terra e a identificam com seu convite a prestar atenção aos processos naturais das chamadas bioregiões (regiões identificadas segundo suas características naturais e econômicas próprias). Assim como Heidegger, criticam o desenvolvimento antropocêntrico da filosofia ocidental que predomina desde Platão e que teria aberto caminho para mentalidade tecnocrática de domínio sobre

a natureza, a qual promoveria sua redução à condição de matéria prima para produção tecnológica. Além de reduzir a natureza à disponibilidade, esta mentalidade limita as possibilidades de abordagem da realidade, ao deixar de lado aspectos que não se encaixem em termos científicos e racionais. Assim como LaChapelle, consideram que Heidegger encorajou um modo alternativo de abordar a natureza no sentido de “deixá-la ser” que, segundo eles, está mais próximo do pensamento oriental (destacando o Taoísmo) que do analítico ocidental.

Chamo a atenção para dois elementos resgatados por Devall e Session e que se ramificam em mais questões. O primeiro seria um chamado para habitar de modo autêntico a terra, isto é, cultivar o espaço em que nos encontramos frequentemente, criando e cultivando nossa habitação através de nossas atividades. Muitos ambientalistas também defendem que, assim como outros organismos, o homem também se desenvolve adaptado ao lugar em que vive, embora a distinção do ser humano apresentada por Heidegger pareça tornar tal aproximação com qualquer organismo uma redução grave de sua essência. De todo modo, a importância da relação que estabelecemos com o lugar em que habitamos e com suas características próprias parecem estar presentes na reflexão de Devall e Session, bem como na proposta heideggeriana.

Parêntese necessário, a proposta de ligação a um território natal, de relação com o lugar de origem e com suas tradições possui elementos em comum com a filosofia nazista, destacando a ideologia de origem alemã conhecida como “sangue e solo” (*Blut und Boden*)¹, que advoga pela manutenção do grupo étnico, das tradições e da ligação com a terra natal, estimando a relação que se estabelece com a terra e o seu cultivo, baseado em um modelo rural de organização.

Como seja, em segundo lugar esses autores destacam a questão do antropocentrismo na base do domínio do homem sobre a natureza. Ou seja, estabelece-se que o homem é o centro e a referência para abordar a realidade e

1 A respeito desta ligação, conferir ROCKMORE, Tom. *On Heidegger's Nazism and philosophy*. Univ of California Press, 1997 e ZIMMERMAN, Michael E. Rethinking the Heidegger-deep ecology relationship. *Environmental Ethics*, v. 15, n. 3, p. 195-224, 1993.

toda ela está em função deste. A partir dessa concepção é possível vislumbrar duas raízes ou duas perspectivas desta afirmação. Uma delas seria a separação entre o homem e o ambiente no qual ele se encontra (expressão do dualismo de origem platônica). Sua posição central justificaria que ele controle e manipule a realidade conforme aquilo que considera o melhor.

A outra raiz seria a dependência de uma compreensão anterior de ambos, a qual é pensada de modo metafísico, tomando determinadas informações como dadas ou produzindo estas informações conforme delimitações da ciência moderna. Todas elas exigem a redução da natureza àquilo que se pode quantificar e dominar, o que acontece através da ciência para, então, podermos calcular e manipular, lançando mão de técnicas. O que não pode ser encaixado neste esquema deve ser deixado de lado como irrelevante ou negligenciado.

Já Simon P. James, professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Durham, em sua tese de doutorado intitulada *Heidegger and Environmental Ethics* (2001) se propõe a apresentar uma ética ambiental baseada no pensamento do filósofo. Tomando sua noção de liberdade² como uma espécie de função essencial do homem, ele defende que seria possível inferir, a partir dela, uma ética ou reflexão sobre os valores morais e sobre a conduta. Também em *Heidegger and the Role of the Body in Environmental Virtue* (publicado em 2002 no jornal de ecosofia *The Trompeter*), James destaca a visão heideggeriana da sociedade tecnológica e nossa abordagem do mundo, marcada pela influência alienante da tecnologia sobre nós. Segundo ele, esta indica uma abordagem alternativa do mundo, fundada em uma liberação para o ser, que nos tornaria livres para recuperar nosso enraizamento no mundo. Explora ainda a possibilidade de se desenvolver tal atitude (cultivar um modo de ser) em um contexto educacional.

Analisando a interpretação de James, entendo que a liberdade enquanto função do homem determina um objetivo, ainda que dinâmico, a ser buscado. Ou a liberdade é em si um agir ou as ações necessárias para que ela aconteça devem (ou podem) ser conforme uma reflexão acerca do que é próprio ao homem e à sua

² A noção de *liberdade* se desenvolve no pensamento de Heidegger de modo particular e complexo, não sendo possível discuti-la suficientemente no espaço deste trabalho.

atitude. Fica aqui a questão sobre como compreender de forma não reducionista ou dualista o que é próprio e fundamental. Resta descobrir como realizar esta possibilidade evitando o molde tradicional no qual se deve definir e buscar o bem (neste caso, a liberdade) e evitar o mal, seu oposto, reduzindo esta busca a uma questão de valores.

O professor também coloca a questão sobre a possibilidade de se criar um contexto favorável ao desenvolvimento de determinada abordagem do mundo, não de maneira definitiva, mas como um tema a ser explorado. Isto é, considerando a influência alienante da tecnologia, pergunta-se como poderíamos criar um lugar ou situação em que esta influência seja amenizada ou inibida, buscando na obra de Heidegger elementos que possam iluminar este tema.

Bruce V. Foltz possui trabalhos desenvolvidos junto a *St Johns College Graduate Institute* e *Eckerd College* relaciona o pensamento de Heidegger com a filosofia ambiental e localiza em sua obra elementos comuns a movimentos ecológicos contemporâneos (ecofeminismo, ecologia social, ecologia profunda, bioregionalismo e holismo ecológico), destacando sua concepção de “natureza” e sua reflexão sobre a relação que estabelecemos com o ambiente natural. Em 1984 publica o artigo *On Heidegger and the Interpretation of Environmental Crisis* (1984), no qual discute a formação desta relação. Destaca a questão da metafísica, na qual se baseiam os pressupostos tradicionais da ciência e da tecnologia modernas que influenciam a relação entre homem e ambiente natural, pressupostos que estariam na origem da crise ambiental. No livro *Inhabiting the Earth: Heidegger, Environmental Ethics* (1995), ele analisa e interpreta os conceitos “natureza” e “Planeta Terra” (*Earth*) e também considera contribuições de Heidegger para o desenvolvimento de uma filosofia ambiental e de uma ética, encontrando ali uma reflexão que inclui humanidade e natureza, garantindo a esta última certa autonomia. Ainda sobre a obra de Heidegger, Foltz observa a proposta de uma abordagem alternativa, distinta da tradicional, estruturada pelo modelo dominação-opressão, encontrando neste pensador a expressão de uma base filosófica sofisticada capaz de sustentar a valorização da poesia no aprendizado para uma vida e um habitar mais adequados à vida na Terra.

Ele explica que a maneira com que nos relacionamos com a terra, com o planeta Terra e com a natureza é influenciada (senão já intermediada) pela ciência e pela técnica, isto é, já não se dá de modo direto e livre. Ciência e tecnologia se

baseiam na metafísica, que pretende definir conceitos universais ou absolutos supostamente referentes à realidade. Esta metafísica, conforme analisada por Heidegger, estaria na origem da crise ambiental, pois, no modelo de pensamento construído a partir dela, a natureza e o mundo são privados de autonomia e excluídos de qualquer reflexão ética. Haveria uma maneira alternativa de abordar o mundo e habitar a terra, a qual não dá exclusividade à ciência e à técnica, mas encontra na poesia uma contribuição para o desenvolvimento da forma de pensá-los.

Na contramão daqueles que encontram um ponto de partida para uma investigação sobre a conduta em Heidegger, George Steiner (Oxford e Harvard) analisa algumas interpretações do trabalho do filósofo, publicando, em 1978, um texto intitulado *Heidegger*, em que observa sua relação com o nazismo, a qual, segundo ele, permanece presente em sua defesa de uma verdade essencial do movimento Nacional-Socialista, a qual teria sido incompreendida e obscurecida. Por outro lado, valoriza a reflexão heideggeriana acerca de temas como a ontologia e a fenomenologia. Quanto à reflexão de Heidegger sobre a técnica, Steiner considera que *Ser e Tempo* enfatiza uma função do homem no mundo e que “exalta um parentesco místico entre o trabalhador manual e sua ferramenta”. Para Steiner, sua análise a respeito da técnica profetiza a decadência tecnocrática do homem moderno.

Frank Shalow, professor da Universidade de New Orleans, retoma o pensamento de Heidegger em seus textos *The Incarnality of Being: the Earth, Animals and the Body in Heidegger's Thought* (1956) e *Imagination and Existence: Heidegger's retrieval of the kantian ethic* (1986). Shalow observa que, embora permaneça uma tensão sobre o tratamento que Heidegger deu aos modos de ser que não o humano, na análise da essência da técnica e da cotidianidade proposta pelo filósofo, vislumbra-se uma possibilidade de mudança no modo de fazer tecnológico e a indicação para o desenvolvimento de uma ética, que não depende de qualquer elemento eterno (de uma metafísica) e através da qual seríamos capazes de substituir a produção técnica por uma troca com aquilo que encontramos.

Além destes, muitos outros pensadores têm aproveitado o pensamento de Heidegger para discutir e pensar a questão da técnica no contexto contemporâneo, porém, em função das dimensões desta pesquisa, iremos nos ater aqueles que

foram até aqui apresentados. Para construirmos um apanhado geral de suas interpretações e retomando os pontos de destaque temos: a crítica à dominação da abordagem técnica da realidade, que a reduz àquilo que se mostra ao raciocínio, e ao conseqüente fechamento ao oculto e ao mistério essenciais nesta realidade; a defesa de uma reorientação do homem pelas condições de seu espaço de hábito, isto é, não tomar o pensamento técnico como referência exclusiva para nossas práticas, mas os processos (naturais, culturais, etc) próprios ao espaço que habitamos. De novo, esta mesma importância atribuída às tradições e hábitos, à ligação com a terra natal, foi interpretada como rejeição à miscigenação e associada ao pensamento nazista. A seguir retomaremos a proposta inicial da presente dissertação, passando pelas interpretações selecionadas e construindo uma estrutura de ligação entre os principais pontos do trabalho.